



Evento: XXX Seminário de Iniciação Científica

A SUBJETIVAÇÃO DO INDIVÍDUO FRENTE A MASSA SOCIAL¹

THE SUBJECTIVATION OF THE INDIVIDUAL IN FRONT OF THE SOCIAL MASS

**Mylena Wichinheski Marquesin², Emanuele Tamiozzo Schmidt³, Mariane Henz⁴,
Gustavo Héctor Brun⁵, Tania Maria de Souza⁶**

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina de “Psicanálise, discurso e laço institucional”, da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicologia Clínica: Práticas Clínicas nas Instituições – 3ª Edição – UNIJUÍ – Campus Ijuí.

² Psicóloga, aluna do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicologia Clínica: Práticas Clínicas nas Instituições, pela UNIJUÍ, mylenawmarquesin@gmail.com

³ Psicóloga, aluna do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicologia Clínica: Práticas Clínicas nas Instituições, pela UNIJUÍ, emanuele.schmidt@hotmail.com

⁴ Psicóloga, aluna do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicologia Clínica: Práticas Clínicas nas Instituições, pela UNIJUÍ, marianehenz@hotmail.com

⁵ Professor Doutor da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicologia Clínica: Práticas Clínicas nas Instituições, da UNIJUÍ.

⁶ Professora Mestre da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicologia Clínica: Práticas Clínicas nas Instituições, da UNIJUÍ.

INTRODUÇÃO

Com o presente trabalho buscamos abordar a posição ocupada pelo sujeito psíquico enquanto pertencente a massa social. Entender a massa enquanto alienante, nos convoca pensar de que forma isso atravessa o sujeito, a ponto de objetivá-lo. A compreensão teórica das questões que se apresentam frente a essa temática, nos conduz a elencar a Psicanálise como ferramenta capaz de quebrar com processo alienante da massa e emancipar ao humano a posição de sujeito desejante frente a ela.

METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho bibliográfico compreendendo leitura, discussão e sistematização da obra “Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921)” de Sigmund Freud, bem como, de artigos relativos a temática de grupos e do sujeito imerso nesse contexto.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Freud em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921) inicia suas reflexões buscando diferenciar a psicologia individual da psicologia social, no entanto, percebe que “na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social [...]” (2011, p. 14). Nesse texto, o pai da psicanálise traz apontamentos de Le Bon (1912) sobre a massa, afirmando “[...] que a superestrutura psíquica, que se desenvolveu de modo tão diverso nos indivíduos, é desmontada, debilitada, e o fundamento inconsciente comum a todos é posto a nu (torna-se operante)” (Ibid., p. 20). Assim, podemos pensar no grupo como uma formação do inconsciente, pois “[...] na massa o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes. As características aparentemente novas, [...] são justamente as manifestações desse inconsciente [...]” (Ibid., p. 21).

Se considerarmos que na massa o sujeito do inconsciente pode se expressar como indivíduo, e que esse indivíduo não se interroga, nem se responsabiliza frente as suas ações no coletivo, logo, nessa relação, o que cabe ao sujeito?

O sujeito faz a “escolha” de pertencer a uma determinada massa, sendo que o sintoma de cada um é o que os amarra nesse laço. A partir de então, estando na massa, é como se esse sujeito se tornasse indivíduo, aquele que não se interroga, não se implica, nem se responsabiliza, e age conforme o grupo. É nesse sentido que a singularidade fica restrita, e o indivíduo procura algo para seguir, podendo ser um líder que aponta uma direção. O indivíduo se submete a um discurso do coletivo que sozinho não o faria, pois, fora desse grupo, não teria validação, sustentação ou uma significação adequada. Já quando esse indivíduo passa a se questionar, fazendo um movimento de mudança, se instaura a possibilidade de sair da massa. Nesse sentido, é na repetição que o grupo mais goza, pois, se houvesse mudança, ali se abriria um furo, onde o indivíduo que se interroga, retorna a sua condição de sujeito.

Refletindo sobre o valor do sujeito, e esse enquanto objetivado, a autora Bueno (2019), no texto “A psicologia das massas nos discursos da dominação”, aponta que no

[...] laço social, há uma tentativa de objetivação não só do sujeito, mas também do saber e do próprio objeto *a*. O saber ou se transforma em mercadoria ou se põe a serviço de sua produção. O objeto *a*, recusado enquanto vazio, e desvalorizado o que



pode lhe fazer semblante, passa a ser suposto como possível de ser preenchido pelo objeto de consumo (Ibid., p. 6).

Bueno, citando Lypovetsky (2007), aponta que “[...] nunca o indivíduo atingiu tamanho grau de desamparo ao ser considerado o único responsável por seu êxito ou seu fracasso” (2019, p. 6). É nesse sentido que, se inserindo em um grupo, a desresponsabilização aparece, pois há alguém que aponta um caminho, havendo um espaço de suspensão e, sendo assim, o sujeito não se implica frente a questões importantes que poderiam surgir, pois esse sujeito se expressa como indivíduo.

Quando a autora Bueno aborda sobre a objetivação do sujeito, isso nos remete ao Relógio Astronômico de Praga, que conforme Martins (2016) está localizado na fachada da Prefeitura da cidade, na República Tcheca. A história desse relógio compõe diversas lendas, sendo que uma delas relata sobre o homem que o construiu, o qual fez um trabalho tão surpreendente que as autoridades da cidade, para que ele não repetisse a obra prima em outro local, machucaram seus olhos, cegando-o. A partir disso, compreendemos que, quando ele faz o relógio, é ele quem detém o saber sobre o objeto, ou seja, o saber estava no sujeito. Após ser cegado, o lugar do saber se altera, pois todo o saber passa a estar depositado no objeto, uma vez que, o relojoeiro não poderia mais reproduzir o mesmo relógio outra vez. O que nos permite pensar sobre o valor simbólico do sujeito, que fica dependente de sua equivalência ao objeto, em outras palavras, passando do saber a ignorância ou a objetivação do sujeito.

Ainda nesse exemplo, quando o relojoeiro é cegado, ele passa, na relação com o outro, a ser objetivado, perdendo o domínio de si. Como nos mostra Bueno, quando afirma que “a dominação também tem a ver com o lugar que o sujeito ocupa e sua relação com o outro. São as diferentes posições desses elementos que podem nos ajudar na consideração dos fenômenos sociais ao longo do tempo” (2019, p. 4).

Essa questão da objetivação do sujeito também se faz presente na massa, pois ele passa a realizar coisas que talvez não faria se estivesse sozinho. Pertencendo à massa, o sujeito ficaria reduzido a sua objetivação, se manifestando de forma limitada, não se movimentando nem se interrogando, sendo que, se o fizesse, estaria saindo da massa. Isso fica claro na observação de Freud, ainda citando Le Bon (1912), quando ele nos diz que

a massa é impulsiva, volúvel e excitável. É guiada quase exclusivamente pelo inconsciente. Os impulsos a que obedece podem ser, conforme as circunstâncias, nobres ou cruéis, heroicos ou covardes, mas, de todo modo, são tão imperiosos que nenhum interesse pessoal, nem mesmo o de autopreservação, se faz valer (2011, p. 25).



Contudo, ao entender que na massa o sujeito se objetiva, elencamos a Psicanálise como ferramenta capaz de romper com essa montagem alienante. Possibilitando ao humano, o atravessamento da condição de indivíduo para a condição de sujeito. Isso porque a Psicanálise se reinventa, saindo do plano da irracionalidade para focar na subjetividade humana, permitindo o questionamento e a emancipação do sujeito psíquico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, ressaltamos a importância do questionamento ao pensarmos o sujeito humano imerso no laço social. Pois, a interrogação é capaz de promover uma ruptura no indivíduo frente a massa, dando a ele possibilidade de libertação e autonomia, fazendo com que seja capaz de pensar diferente, saindo da posição de objeto e responsabilizando-se frente a sua condição de sujeito psíquico. Nesse sentido, a Psicanálise embasa essa emancipação, mostrando que através do processo de fala e escuta, é possível ao sujeito decifrar o sentido de sua história, se apropriar de suas questões e falar através de sua própria posição subjetiva, não sendo mais um mero repetidor do discurso alienante da massa.

Palavras-chave: Grupo. Indivíduo. Massa. Sujeito.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores Gustavo Héctor Brun e Tania Maria de Souza pelas correções, apontamentos e auxílios no decorrer da escrita deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Cleuza Maria de Oliveira. A psicologia das massas nos discursos da dominação. *In: Correio da APPOA. Relendo Freud: fenômenos de massa*. ed. 288. jun. 2019. p. 4 – 7. Disponível em: https://appoa.org.br/correio/edicao/288/a_psicologia_das_massas_nos_discursos_da_dominacao/721. Acesso em: 04 ago. 2022.



FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921). *In: _____*. **Obras completas, volume 15**: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-113.

MARTINS, Simone. **O relógio astronômico de Praga**. História das Artes, 2016. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/o-relogio-astronomico-de-praga/>. Acesso em: 04 ago. 2022.